

CONDIÇÕES LABORAIS E DE SAÚDE DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE ARIQUEMES NO ESTADO DE RONDÔNIA

Joice Kely Ribeiro Ferreira

joicemdo@oulook.com

<http://lattes.cnpq.br/2340991858064322>

Jéssica Aline de Souza Pereira

jessicaaline156@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/9941170230077224>

Gabriela Marcelino da Silva

marcelinogabriela2@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/7525226487457196>

Marcia dos Santos Andreoth

marcia8andreotti@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/4071281417802494>

Fernando Sérgio Silva Barbosa

fernando@unir.br

<http://lattes.cnpq.br/3488203153003149>

RESUMO

O trabalho docente envolve diversas dificuldades e desafios que podem trazer consequências para a saúde física e mental destes profissionais. O objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento das condições laborais e de saúde de professores da educação infantil. Foram avaliadas duas professoras de duas escolas públicas de educação infantil do município de Ariquemes, estado de Rondônia, por meio de três questionários aplicados *in loco*. Os resultados demonstraram avaliações positivas em uma das escolas quanto às condições de trabalho (ambiente e materiais) e inadequações na outra. Por outro lado, satisfação com o trabalho e as relações interpessoais foram relatadas por todas as professoras. Quanto à saúde, avaliações da autopercepção da mesma foram positivas em todas as profissionais, embora em duas delas, da mesma escola, tenha sido relatada a existência de problemas de saúde, mas que não demandaram necessidade de afastamento. Quanto a sintomas musculoesqueléticos, estes estiveram presentes em regiões corporais variadas, compatíveis com o exercício profissional nas professoras de apenas uma das escolas. É possível concluir que problemas de saúde se encontram presentes podendo prejudicar o exercício da profissão docente. Ações por parte de gestores são necessárias reversão do quadro.

Palavras-chave: Trabalho Docente; Condições de Trabalho; Saúde Docente

O trabalho docente é conhecido por todos, mesmo por aqueles que não exercem a profissão ou sem acesso ao conhecimento científico produzido acerca deste tema, como

sendo marcado por desafios bastante expressivos a serem enfrentados diariamente em diferentes contextos.

1 INTRODUÇÃO

No caso da sociedade em geral, tal conhecimento ocorre, em particular, a partir das frequentes divulgações realizadas pelos diferentes canais de informação existentes. Um exemplo recorrente, envolve o contexto da violência sofrida por professores que são rotineiramente noticiadas em telejornais e que causam repercussões tanto sobre sua saúde física quanto mental destes profissionais.

Por outro lado, no meio científico, pesquisas já demonstraram que há outros aspectos que implicam diretamente sobre a saúde e que em proporção muito menor chegam ao conhecimento das pessoas. Cruz et al. (2010), por exemplo, citam que transformações significativas do trabalho docente ocorreram em decorrência de mudanças no mundo do trabalho e que as condições para o exercício de sua profissão e as múltiplas exigências feitas ao professor têm sido cada vez mais associadas aos problemas físicos e mentais desenvolvidos por eles.

De modo mais claro, essas transformações no cenário do trabalho docente sofreram influência das reformas educacionais ao longo do tempo e dos modelos pedagógicos exigidos ou estimulados pelo estado (BARRETO; ASSUNÇÃO, 2007). Cortez et al. (2017) ainda nesse contexto sociopolítico vão ao encontro desse mesmo entendimento. Para eles, a saúde do trabalhador é um campo interdisciplinar articulado com movimentos sociais em resposta exatamente às limitações dos modelos sociais e políticos de cada época. Eles acrescentam ainda, que nesse prisma, a saúde do trabalhador como parte da saúde coletiva, constitui-se como espaço interdisciplinar e pluri-institucional que considera o trabalho como um dos principais determinantes sociais da saúde. Para isso, a saúde do trabalhador deve seguir em um caminho que de fato favoreça ao empoderamento dos trabalhadores, valorizando o bem-estar do sujeito em detrimento das práticas organizacionais.

Agora, de modo mais específico, em relação aos problemas de saúde física e mental de professores, os estudos existentes recaem sobre conclusões relativamente comuns às

diferentes referências científicas encontradas. Isto é, esses estudos revelam acometimentos similares quanto aos diferentes sistemas corporais comprometidos, por exemplo, sistema vocal e distúrbios de natureza mental, ambos investigados com frequência muito maior do que outros, tais como o musculoesquelético.

Por essa e outras razões que é possível considerar que há limitações de natureza metodológica na construção do desenho dessas pesquisas que impactam, no entendimento dos autores do presente trabalho, diretamente em um levantamento de informações mais completo e confiável a respeito da saúde de professores e, em especial, que atuam na educação infantil.

Primeiro, ao se realizar a busca por referências científicas em bases de dados, uma primeira limitação encontrada é que o objeto de investigação em sua maioria é a sobrecarga vocal (COSTA et al., 2013; MARÇAL; PERES, 2011; MEDEIROS; VIEIRA, 2019) e a saúde mental (CARLOTO; CÂMARA, 2007; DIEHL; MARIN, 2016; ROCHA; FERNANDES, 2008; SOUZA; LEITE, 2011) dos professores. O segundo problema é que entre os estudos encontrados que investigaram a saúde física desses profissionais, além da sobrecarga vocal, o levantamento de informações recaiu quase exclusivamente sobre problemas respiratórios (CEBALLOS; SANTOS, 2015; SERVILHA; RUELA, 2010) e, em poucos casos, musculoesqueléticos (ARAÚJO; CARVALHO, 2009; BRANCO et al., 2011; CARDOZO et al., 2009) dos professores. O terceiro problema relaciona-se à população investigada. Há um predomínio de estudos que avaliem profissionais atuantes no ensino médio e superior, sendo muito reduzido o número de estudos com professores do ensino fundamental, em particular, da educação infantil.

Por último estão outras três limitações ao se analisar as referências encontradas. Os estudos são predominantemente conduzidos nas regiões sul e sudeste, havendo ainda alguns poucos da região nordeste. Parece ainda haver uma espécie de *gap* temporal de pesquisas que avaliem a saúde docente, como se o tema parecesse ter se esgotado, apesar das limitações elencadas acima e de não ter sido ao menos um estudo realizado em estados da região norte, de modo mais específico ainda, no estado de Rondônia. Há ainda, o que nos parece ser mais grave, o fato de que em todos esses casos, determinantes importantes da saúde como a atividade física tenham sido negligenciados.

É exatamente a partir da identificação dessas lacunas e com o entendimento de que pesquisas epidemiológicas como a aqui proposta são fundamentais para o conhecimento de uma população específica e que só desta maneira é possível a proposta de intervenções igualmente particularizadas e direcionadas para os reais problemas sofridos, que o presente estudo foi realizado.

Trata-se dos resultados preliminares de um projeto de pesquisa aprovado em um programa de iniciação científica. A partir da conclusão do mesmo, o que se pretende é a criação de um sistema de banco de dados em que de modo *on line* e com possibilidade de acesso *full time* o mesmo possa ser alimentado ou consultado com vistas a possibilitar um mapeamento constante da saúde docente. Em um primeiro momento, isso será aplicado à saúde dos professores que atuam na educação infantil e, posteriormente, nos próximos ciclos do programa de iniciação científica da instituição dos autores, nas demais etapas da educação básica sob responsabilidade do município de Ariquemes no estado de Rondônia.

Para isso, esse levantamento de dados iniciais é necessário que seja realizado, já que não há informações dessa natureza e com esse nível de complexidade e aprofundamento até o presente momento.

Para contribuir, ao menos em parte, no preenchimento das lacunas previamente citadas, o presente projeto buscará resposta para a identificação de quais são as condições de saúde dos professores de educação infantil da rede pública municipal de ensino de Ariquemes. A hipótese é de que pelas características laborais desta profissão serem as mesmas, isto é, as demandas serem similares, os problemas encontrados serão igualmente parecidos, independente da região geográfica do país. Contudo, por particularidades climáticas, organizacionais, estruturais e financeiras tais alterações talvez sejam mais expressivas na cidade investigada ou ainda, resultem em algumas queixas específicas.

Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi realizar um levantamento das condições de trabalho e de saúde de professores de educação infantil da rede pública do município de Ariquemes no estado de Rondônia. Adicionalmente, a prática de atividade física, um importante e reconhecido determinante da saúde humana foi também investigada.

2 Metodologia

Este estudo caracterizou-se como uma pesquisa epidemiológica, observacional e com delineamento transversal que foi desenvolvida com a população de professores de duas escolas de educação infantil da rede pública municipal de Ariquemes no estado de Rondônia.

Foram incluídos no estudo apenas os professores que atuavam em sala de aula no momento da coleta de dados e com tempo de experiência mínimo de um ano na função.

Para a coleta de dados foram utilizados quatro questionários. Os questionários 1 e 2 foram construídos pelo próprio grupo de pesquisa responsável pela pesquisa, enquanto os questionários 3 e 4 foram obtidos a partir de referências citadas posteriormente, ambos validados.

No questionário 1, informações gerais relacionadas com dados demográficos das participantes, tempo de atuação na educação, carga horária de trabalho e formação acadêmica foram registradas. No questionário 2 foram levantadas as características laborais, dados gerais sobre saúde e autopercepção da saúde das participantes.

O questionário 3 correspondeu ao Questionário Nórdico de Sintomas Osteomusculares (SANTOS et al., 2015), que segundo Ferrari et al. (2010) é um dos principais instrumentos utilizados para analisar sintomas musculoesqueléticos (SME) em um contexto de saúde ocupacional (laboral) ou ergonômico.

O questionário 4 foi utilizado para avaliar um importante determinante da saúde física e mental das pessoas, a prática de atividade física. Trata-se do *International Physical Activity Questionnaire* (IPAQ), utilizado para determinar o “Nível de Atividade Física” dos professores. Esse questionário já teve sua validade e reprodutibilidade no Brasil testada e demonstrada por Matsudo et al. (2001). Para isso, o nível de atividade física é determinado com base no tipo, intensidade, frequência e duração de atividades físicas realizadas na última semana antes de sua aplicação. Importante destacar, que tais atividades incluem àquelas relacionadas ao trabalho, deslocamento de um lugar para outro, lazer, esportivas, exercício ou atividades domésticas.

Todas as avaliações foram realizadas *in loco*, utilizando de todas as medidas sanitárias recomendadas pelas autoridades em saúde pública com vistas à prevenção da COVID-19, incluindo higienização das mãos e materiais ou instrumentos utilizados, avaliação realizada em local aberto, mantendo distanciamento adequado e o uso de máscaras. O mesmo examinador, bem treinado, avaliou todos os professores para evitar erros de variabilidade interexaminador.

Os dados obtidos foram tabulados em planilha do programa Microsoft Office Excel (versão 2007) a partir da qual foi possível a realização de análise estatística descritiva, sob a forma de frequência absoluta.

3 Resultados e Discussão

Os resultados apresentados neste momento referem-se ao obtidos de duas escolas com localização em bairros, isto é, não de região central do município. Todas as voluntárias eram do sexo feminino e de cada uma das escolas são apresentadas informações de duas professoras.

Com relação ao primeiro questionário, no qual informações demográficas, de carga horária de trabalho e formação acadêmica foram registradas, foi encontrado que na escola 1 as idades das professoras eram 40 e 41 anos, sendo uma casada e a outra solteira, ambas com carga horária de 30 horas semanais e não atuavam em outra escola. Possuíam graduação em pedagogia, a pós-graduação de uma delas era em gestão escolar e a outra em psicopedagogia. A primeira atuava há 18 anos na educação, todos eles na educação infantil e na mesma escola em que estava no momento da avaliação, enquanto a segunda atuava há 15 anos na educação e há 1 ano educação infantil, o mesmo tempo que se encontrava na escola investigada.

Na escola 2, as idades das professoras eram 36 e 28 anos, uma casada e a outra em união estável, também com carga horária de trabalho de 30 horas e sem atuação ou vínculo empregatício em outra instituição. Ambas eram graduadas em pedagogia e apenas uma delas com pós-graduação, sendo esta em gestão escolar. Ambas atuavam havia 1 ano na educação e exatamente na escola em que estavam no momento da avaliação.

Percebe-se em relação a esses primeiros resultados, perfis distintos quanto à experiência na atuação docente, com professoras com tempo de atuação na educação e com idades consideravelmente mais baixas em uma escola do que em outra. Em relação a isso, uma das questões levantadas pelo grupo de pesquisa responsável pelo presente trabalho diz respeito à saúde física e mental destes profissionais quando o considerado o tempo de docência e idade, aspecto a ser apresentado e discutido mais à frente.

Outro ponto, este já com possibilidade de ser considerado positivo, é que também esse mesmo grupo de pesquisa há dez anos ao avaliar a formação de professores da educação infantil, porém naquela ocasião dentro do tema neurociência e psicomotricidade, encontrou uma importante porcentagem deles ainda sem graduação concluída em pedagogia ou ainda, atuando na educação infantil, mas com formação em outras licenciaturas. Esses novos achados indicam maior capacitação desses profissionais atualmente.

As informações laborais abordadas no questionário 2 são apresentadas na tabela 1.

Tabela 1 – Informações laborais dos professores de ambas as escolas investigadas.

Escolas	Professoras	Satisfação com o Trabalho	Ambiente de Trabalho	Materiais Utilizados	Relações Interpessoais
1	A	satisfeita	adequado	adequado	satisfeita
	B	satisfeita	adequado	adequado	satisfeita
2	C	satisfeita	inadequado	parcialmente adequado	satisfeita
	D	satisfeita	parcialmente adequado	parcialmente adequado	satisfeita

Fonte: o próprio autor.

No contexto laboral, nota-se resultados predominantemente positivos. Problemas foram relatados em apenas uma das escolas. Na escola 2, para a professora C, o ambiente de trabalho foi considerado inadequado pela necessidade de mais espaço e ventilação nos ambientes da escola, enquanto no que diz respeito aos materiais utilizados sua queixa foi de falta de material didático.

Araújo e Carvalho (2009) já relataram a existência de contribuições importantes de aspectos relacionados ao ambiente da escola e organização do trabalho docente para a ocorrência de diferentes efeitos sobre a saúde. Em um pior cenário, alterações da saúde

física e mental podem resultar inclusive em necessidade de afastamento do trabalho. Dentro desse prisma, Gasparini et al. (2005) a partir de relatório obtido da prefeitura do município de Belo Horizonte que foi elaborado conjuntamente com o Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais destacam o número de perícias que foram realizadas em profissionais da educação, isto é, 16.556 atendimentos. Relatam ainda a não banalidade destes dados, já que naquele universo citado, 92% desses atendimentos (15.243) resultaram em afastamento do trabalho.

Por adequado ambiente de trabalho, deve se entender espaços bem iluminados e ventilados, de tamanho compatível com o número de alunos e com as atividades que são desenvolvidas, mobiliários e materiais adequados para a boa execução da função docente e aprendizagem do aluno.

Um exemplo da importância desses fatores está no grande número de estudo que indicam o elevado número de problemas respiratórios (LIMA, 2004) e vocais (PROVENZANO; SAMPAIO, 2010) em professores, ambos diretamente relacionados, em grande proporção, ao ambiente de trabalho.

Na tabela 2 são apresentados dados gerais acerca da saúde e informações de auto percepção da saúde, ambas também registradas no questionário 2.

Tabela 2 – Informações sobre percepção da saúde geral e problemas de saúde dos professores de ambas as escolas investigadas.

Escolas	Professoras	Autopercepção da Saúde Geral	Problema de Saúde	Necessidade de Afastamento
1	A	muito boa	não	não
	B	ótima	não	não
2	C	boa	trombose alguns relacionados com retirada da vesícula	não
	D	boa		não

Fonte: o próprio autor.

Em relação à saúde, percebe-se que em geral ela foi autopercebida pelas professoras positivamente, mesmo para as professoras da escola 2 que relataram a existência de problemas de saúde, que embora presentes, não exigiram afastamento das profissionais. Particularmente importante, está o relato de trombose, uma vez que pelas

características do trabalho docente exigirem em sala de aula muitas vezes menor mobilidade e, com frequência, isto também ocorrer durante seus períodos de estudo, preparação de aula ou material ou na avaliação de atividades discentes, esta menor mobilidade pode contribuir com o agravamento do problema por prejudicar aspectos circulatórios destes profissionais. Alterações similares também estiveram entre as encontradas por Esteves-Ferreira et al. (2014) em professores de escolas públicas.

No questionário 3 foram registradas informações de problemas em diferentes regiões corporais, suas consequências e necessidade de intervenção de profissional da saúde. Os resultados referentes a presença ou não de SME são apresentados na tabela 3 para as regiões do pescoço e membros superiores, e 4 para a região das costas e membros inferiores.

Tabela 3 – Presença de SME nas regiões do pescoço e membros superiores em professores de ambas as escolas investigadas.

Escolas	Professoras	Pescoço	Ombros	Cotovelos	Punhos e Mãos
1	A	não	sim	não	não
	B	não	não	não	não
2	C	não	sim	não	não
	D	sim	não	não	não

Fonte: o próprio autor.

No mesmo questionário foi ainda perguntado às professoras se em decorrência dos sintomas relatados houve impedimento para a realização de suas atividades profissionais e necessidade consulta a um profissional da saúde. Nenhuma delas necessitou de afastamento e apenas a professora D relatou a necessidade de busca por atendimento.

Tabela 4 – Presença de SME nas regiões das costas e membros inferiores em professores de ambas as escolas investigadas.

Escolas	Professoras	Costas Superior	Costas Inferior	Quadril/ Coxas	Joelhos	Tornozelos/ Pés
1	A	não	não	não	não	não
	B	não	não	não	não	não
2	C	sim	sim	não	sim	sim
	D	sim	não	não	sim	não

Fonte: o próprio autor.

No caso de sintomas nas regiões das costas e membros inferiores houve relato apenas por partes das professoras da escola 2 e, de forma predominante, a professora C.

Quando questionadas acerca da necessidade de afastamento, nenhuma delas afirmou ocorrência do mesmo, enquanto a busca por atendimento de um profissional da saúde ocorreu apenas para a professora D para os sintomas do pescoço e joelhos.

De modo surpreendente, a prevalência de SME, da mesma forma que o relato de presença de problemas de saúde já havia demonstrado, estiveram todos presentes nas professoras mais jovens e com significativo menor tempo de atuação na educação, apenas 1 ano. Esses resultados reforçam a importância de se estabelecer estratégias preventivas para esses profissionais, uma vez que alterações em suas condições de saúde já tem se manifestado precocemente.

Acrescenta-se ao resultado anterior, a possível ausência de relação entre os problemas apresentados e a prática de atividade física, já que todos os professores participaram demonstraram boa classificação neste quesito, todas ativas, nível que para ser alcançado exige de fato prática de atividades física, laborais, domésticas ou deslocamento consideráveis.

Uma alternativa é que talvez tais praticadas sejam mais bem direcionadas para as reais necessidades dos professores considerando a especificidade do seu trabalho. Por exemplo, o professor caracteriza-se como um profissional, que conforme citado anteriormente, além de menor mobilidade, adota posturas estáticas que podem sobrecarregar músculos e articulações, especialmente os membros inferiores e coluna vertebral, tal como ocorreu no presente estudo. Resultados similares também foram encontrados por Cardoso et al. (2009).

4 Considerações Finais

Em termos gerais, as condições laborais demonstraram divergências entre as escolas, com uma delas apresentando condições de não adequação para o exercício do trabalho segundo as professoras avaliadas. Já em relação à saúde, embora a autopercepção sobre seu estado tenha sido positiva por parte das professoras, em metade delas houve relato de presença de problemas de ordem física, coincidentemente as

mesmas que relataram sintomas em articulações ou regiões corporais específicas. Por último, outro dado positivo foi o bom nível de atividade física praticado por todas as professoras, já que este caracteriza-se com um importante determinante da boa saúde.

Diante desses achados, estratégias de monitoramento contínuo de profissionais da educação representa uma importante estratégia que deveria ser adotada com vistas à prevenção de instalação ou de evolução de problemas já identificados ou mesmo de reabilitação para reversão de quadro nesses profissionais, o que evitaria inclusive o absenteísmo frequentemente encontrado em estudos similares a este.

5 Agradecimentos

À Universidade Federal de Rondônia (UNIR), por meio de sua Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PROPESQ), pelo suporte financeiro (bolsa de pesquisa) do Programa Institucional de Bolsas em Iniciação Científica (PIBIC/UNIR/CNPq).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, T. M.; CARVALHO, F. M. Work conditions and health of teachers in the State of Bahia, Brazil: epidemiological studies. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 107, p. 427-449, 2009
- BARRETO, J. R.; ASSUNÇÃO, A. A. Condições de trabalho, qualidade de vida e disfonia entre docentes. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 10, p. 2439-2461, 2007.
- BRANCO, J. C. et al. Prevalence of musculoskeletal symptoms in the faculty of public schools and the private school. **Fisioterapia em Movimento**, Curitiba, v. 24, n. 2, p. 307-314, 2011.
- CARDOSO, J. P. et al. Prevalence of musculoskeletal pain among teachers. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 604-614, 2009.
- CARLOTO, M. S.; CÂMARA, S. G. Preditores da síndrome de Burnout em professores. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 101-110, 2007.
- CEBALLOS, A. G. C.; SANTOS, G. B. Factors associated with musculoskeletal pain among teachers: sociodemographics aspects, general health and well-being at work. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 702-715, 2015.
- CORTEZ, P. A. et al. A saúde docente no trabalho: apontamentos a partir da literatura recente. **Cadernos de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 113-122, 2017
- COSTA, D. B. et al. Fatores de risco e emocionais na voz de professores com e sem queixas vocais. **Revista CEFAC**, Campinas, v. 15, n. 4, p. 1001-1010, 2013.

CRUZ, R. M. Saúde docente, condições e carga de trabalho. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia**, Jaén, v. 4, p. 147-160, 2010.

DIEHL, L.; MARIN, A. H. Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 7, n. 2, p. 64-85, 2016.

ESTEVE-FERREIRA, A. B. et al. Avaliação comparativa dos sintomas da síndrome de *burnout* em professores de escolas públicas e privadas. **Revista Brasileiras de Educação**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 59, p. 987-1002.

GASPARINI, S. M. et al. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, 2005.

INTERNATIONAL PHYSICAL ACTIVITY QUESTIONNAIRE (IPAQ). [200-?]. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/theipaq/home>>. Acesso em: 21 dez. 2013.

LIMA, E. F. Construção do início da carreira: reflexões a partir de pesquisas brasileiras. **Educação**, Santa Maria, v. 29, n. 2, p. 85-98, 2004.

MARÇAL, C. C. B.; PERES, M. A. Alteração vocal auto-referida em professores: prevalência e fatores associados. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 503-511, 2011.

MATSUDO, S. et al. Questionário internacional de atividade física (IPAQ): estudo validade e reprodutibilidade no Brasil. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, Londrina, v. 6, n. 2, p. 5-18, 2001.

MEDEIROS, A. M.; VIEIRA, M. T. Work absenteeism due to voice disorders in Brazilian schoolteachers. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, sup. 1 :e00171717, p. 1-12, 2019.

PROVENZANO, L. C. F. A.; SAMPAIO, T. M. M. Prevalência de disfonia em professores do ensino público estadual afastados de sala de aula. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 97-108, 2010.

ROCHA, V. M.; FERNANDES, M. H. Quality of life elementary school teachers: a perspective for health promotion of worker. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 23-27, 2008.

SANTOS, V. M. et al. Aplicação do questionário nórdico musculoesquelético para estimar a prevalência de distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho em operárias sobre pressão temporal. In: XXXV ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 35., 2015, Fortaleza. **Anais... [...]**. Fortaleza: Associação Brasileira de Engenharia de Produção, 2015. p. 1-15.

SERVILHA, E. A. M.; RUELA, I. S. Occupational risks to the health and voice of teachers: specificities of municipal education units. **Revista CEFAC**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 109-114, 2010.

SOUZA, A. N.; LEITE, M. P. Working conditions and their impacts on the health of basic education teachers in Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1105-1121, 2011.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Atualmente, faz formação em Pedagogia na Universidade Federal de Rondônia, possui bolsa CNPq, sendo participante do Programa Institucional de Bolsas em Iniciação.